

Nas margens da história: relações de gênero e violência no romance de Ilko Minev

On the margins of history: general relations and violence in the romance of Ilko Minev

Neila Braga Monteiro

Graduada em História pela Universidade Federal do Amazonas. Pós-graduada em Desenvolvimento, Etnicidade e Políticas Públicas na Amazônia com ênfase em Sociologia e Interpretações da Amazônia: Povos e Comunidades Tradicionais, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas pelo Instituto Federal do Amazonas. Graduada em Letras pela Universidade Do Estado Do Amazonas

Resumo: O presente artigo discute a violência de gênero em torno das personagens femininas no romance “*A filha dos Rios*” escrito por Ilko Minev. Justificamos a escolha do romance por se tratar de uma obra literária que introduz a temática da violência contra as mulheres no contexto amazônico em suas formas de representação no cotidiano das personagens. Como fundamentação teórica, nos apoiaremos nos estudos de Chartier (2003) Pesavento (2006) e Cândido (2006). Como método de pesquisa selecionamos as evidências do fenômeno da violência contra mulheres e interpretaremos os dados para compreender a violência de gênero em torno das figuras femininas, bem como o diálogo entre a História e a literatura. Verificamos que as evidências de violência de gênero mostram que, por estarem escassamente evidenciadas no discurso historiográfico, as personagens refletem um problema social recorrente que vem sendo cada vez mais debatido pela via literária, pois cabe a literatura abrir caminho e colocar em disputa temas que estão à margem da discussão da sociedade, e que ainda são considerados irrelevantes por aqueles que contam a história tanto de uma cultura quanto de uma sociedade como é o caso da região amazônica.

Palavras-chave: História – Literatura – Violência de gênero

Abstract: This article discusses gender based violence in unrequited female characters “The Daughter of the Rivers,” written by Ilko Minev. Justifies the choice of the novel because it deals with a literary work that introduces a theme of violence against women in the Amazonian context, their forms of representation in the daily lives of the characters. As a theoretical foundation, we rely on the studies by Chartier (2003) Pesavento (2006) and Candido (2006) regarding the possibility of using literature as a historical source. How the research method selects how to detect violence against women and interpret the data to understand gender violence in female figures, as well as the dialogue between history, literature and social formation in the Amazon. Verified as a display of gender violence shows, as it is scarcely evidenced in the historiographical discourse, as characters reflected in a recurrent social problem that has been increasingly debated by the literary route, as it is up to literature to open the way and display on issues that are on the fringes. of the discussion of society, and which are still considered irrelevant by those who contaminate the history of both a culture and a society such as the Amazon region.

Keywords: History - Literature - Gender Violence.

Introdução

Como diferentes formas de arte, a literatura está relacionada com o cotidiano da sociedade e do artista. Os criadores estabelecem e movimentam suas criações a partir de sua realidade, suas experiências e vivências, nesse interim, a literatura acaba se tornando o produto das relações entre o autor e a sociedade o que possibilita também acompanhar diversas transformações, momentos e fenômenos da História.

Entre esses fenômenos, a violência, em suas diversas manifestações aparece tanto nas estatísticas, como nos noticiários do mundo todo. Vários países já colocam o tema em discussão no centro do debate político, inclusive como temática de plano de governo em período eleitoral e nos inúmeros congressos dentro e fora das universidades. A violência está no cotidiano da vida social, está no discurso e se manifesta de diferentes modos e em distantes culturas. Marcondes Filho (2001) destaca que se origina do latim *violentia*, que significa abuso de força, como de *violare*, cujo sentido é o de transgredir o respeito devido a uma pessoa. Ela está vigente em diversos espaços, como nos locais sociais e nas relações familiares.

A violência e suas demonstrações são, muitas vezes, incompreendidos devido estar atrelado ao conjunto de costumes que organizam determinadas culturas. No interior dessas culturas, a violência contra mulheres é algo bastante comum, por conta disso, as áreas das ciências humanas e sociais se debruçam sobre o fenômeno da violência de gênero, sendo ele objeto de estudo em diversas perspectivas teóricas na academia por conta de sua natureza estrutural. A violência contra a mulher é qualquer ato que tem por base o gênero e que resulta ou pode resultar em danos ou sofrimento de natureza física, sexual ou psicológica, inclusive ameaças, a coerção ou a privação arbitrária da liberdade, quer se produzam na vida pública ou privada.

No Brasil, muitas mulheres são mortas por aqueles que eram ou foram seus companheiros de vida. Concernente às vítimas do fenômeno da violência de gênero, as mulheres são muito mais cometidas do que os homens, a violência contra elas se dá muitas das vezes em âmbito privado, tendo que ser denunciado para que apareça nas estatísticas e nos noticiários¹.

Nesse contexto, a mulher acaba se tornando vítima de uma prática social de controle e inferioridade. A antropóloga Sherry Ortner problematiza essa questão em seu texto intitulado “*Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?*” sintetizando possíveis evidências onde culturalmente a mulher é considerada inferior, uma vez que o plano da cultura sempre é submeter a natureza, se as mulheres são consideradas parte dela, então a cultura achará “natural” subordina-las para não dizer oprimi-las. Desta forma, ressaltamos que os crimes contra o gênero feminino vem sendo exteriorizadas através de diversos dados sociais, historiográficos e literários.

Nesse sentido, visamos abordar a visibilidade quanto a violência de gênero por meio da cooperação das representações literárias devidamente utilizadas como fonte historiográfica, sendo legítima, no ambiente das representações. Pesavento (2003) aponta que o historiador

1. IV Conferência Mundial da Mulher, realizada pelas Nações Unidas, em Beijing, China, em 1995.

tem muitos artifícios assegurados em suas mãos, tudo que se colocar a seu dispor, poderá ser utilizado como fonte, basta que o mesmo crie um tema e o problematize. Desta forma, os escritores podem fornecer caminhos para o historiador se utilizar da literatura para investigar e interpretar o período em que a obra é veiculada. por Cândido (2006), afirmando que podemos encontrar muitos significados contidos no texto literário, pois há uma estrutura interna e outra externa no texto, mas também como um fio condutor para demonstrar as práticas sociais inertes da sociedade. Chartier (2009) coopera dizendo que, a literatura pode ser carregada de diversas evidências, pois há uma grande possibilidade de deslocarem fatos e personagens históricos para o interior dessas ficções literárias.

O presente estudo, é uma pesquisa de cunho bibliográfico que possui a finalidade de contribuir e disseminar os estudos relacionados ao papel da literatura local, para os estudos historiográficos na amazônia. Dessa forma, foram tracejados em um diálogo interdisciplinar entre a História e a Literatura. Por conseguinte, foram sistematizados no seguinte método: leitura e fichamentos de cunho literário, historiográfico e de estudiosos que dissertam sobre o encadeamento entre a História e literatura

Assim, a coleta de informações nos proporcionou recursos para a construção deste estudo, utilizado como um fio condutor para desvendar as variedades violência de gênero na Amazônia. Para isto, nos apoiaremos no crítico literário Antônio Cândido, em *Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e história literária*, e na obra *A filha dos rios*, do escritor Ilko Minev, assim como nas leituras de outros escritores que debatem essa mesma linha de pesquisa, principalmente no que diz respeito aos possíveis diálogos entre a História e a Literatura.

Diante do exposto, a presente pesquisa pretende apresentar um estudo sobre as representações de violência contra a mulher na Amazônia. A reflexão sobre violência de gênero, encontra centralidade na personagem ribeirinha Maria nativa do rio purus, e a dona de bordel Sandra ambientada no rio madeira, ambas retratadas na obra *A Filha dos rios* do escritor Ilko Minev.

Para tanto, dividimos esse artigo em dois tópicos. No primeiro faremos um breve relato abordando elementos historiográfico direcionados a relações de gênero e visibilidade da violência contra a mulher. No segundo tópico, identificaremos as marcas de diferentes violências de gênero retratadas na obra do autor desta análise, dialogando com diversos pesquisadores vinculados aos estudos de gênero.

História e Literatura: algumas reflexões sobre relações e violência de gênero

O campo da História, foi interpretado somente por olhares masculinos por um longo período de tempo. Esse campo parecia seguro e resistente, mas foi contrariado e as diferenças entre masculino e feminino se voltaram para espaços problemáticos. Nesse contexto, observa-se que as relações entre os sexos foram construídas socialmente, e estão impregnadas também na cultura, tornando assim, um problema sociocultural. Giddens (1997) afirma que, o gênero

é criado na estrutura e nas práticas das instituições sociais, sejam elas educativas, econômicas, políticas, religiosas, e por fim, nas relações familiares.

Dessa forma, segundo a historiadora Joan Scott, o papel da História, seria “Historicizar gênero, enfatizar os significados variáveis e contraditórios atribuídos à diferença sexual, os processos políticos através dos quais esses significados são construídos, a instabilidade e maleabilidade das categorias “mulheres” e “homens”, e os modos pelos quais essas categorias se articulam” Scott (1994: 25-26). Assim, observamos a História como um saber capaz de contestar, questionar, e reformular problemáticas que por muito séculos se encontravam nas margens, entre elas, a violência contra a mulher.

Na trajetória histórica existem muitas narrativas em que as mulheres eram alvo de depreciação pelos homens. No espaço social da Grécia Antiga encontra-se um relato sobre os mitos, um deles é o da caixa de pandora, “devido à curiosidade própria de seu sexo, Pandora tinha aberto a caixa de todos os males do mundo e, em consequência, as mulheres eram responsáveis por haver desencadeado todo o tipo de desgraça”. (PULEO, 2004: 13).

A construção de uma imagem perversa, indiscreta, irresponsável, que promove desgraças no mundo, se relaciona com os escritos bíblicos, onde Eva ficou conhecida como a responsável pela desgraça de seu companheiro Adão, o que conseqüentemente levou a perda do paraíso. Isto é, desde os tempos mais remotos a mulher é vinculada aos acontecimentos de desordem, em função disso deveria ser vigiada e penalizada.

De outro modo, na mitologia indígena kaapor, a representação da mulher começou quando Mahyra (herói mítico e criador do povo tupi) encontrou uma fruta que lhe lembrou o órgão sexual feminino, e resolveu transforma-lá em uma mulher. Após ter criado a mulher, que não tinha nome no mito, construiu uma casa e resolver plantar uma roça de milho. No dia seguinte, ordenou a mulher que fosse colher o milho, mas sua mulher retrucou que não havia tempo suficiente para o milho ter crescido, o que não era verdade. Mahyra ficou furioso, e partiu para outro mundo deixando sua mulher grávida de seus filhos gêmeos (Kwarahi, o Sol, e Yahy, Lua). Assim como a Eva Cristã, a mulher de Mahyra ocasionou a perda da imortalidade por parte dos homens (LARAIA, 2005).

Historicamente, a imagem do feminino esteve vinculada a imobilidade, sendo definidas pelos seus atributos como seres dados aos sacrifícios da vida materna e submissas aos parceiros. Cabia a mulher esperar pelo pretendente e sendo ele um homem trabalhador e honesto deveria ter ao seu lado uma mulher igualmente trabalhadora (do lar) e honesta (nos princípios religiosos e nos costumes da família). O feminino era visto como um modelo, um conjunto de regras a ser seguido e aceito sem discordância por parte das mulheres, sendo que esse modelo era imposto pela sociedade.

O livro *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, apresenta um panorama sobre a construção da identidade do homem brasileiro, no entanto, a representação feminina é quase invisível. Quando são citadas, aparecem em posição de inferioridade, não há uma discussão profunda sobre o papel da mesma no cenário colonial, a não ser para falar sobre a função ma-

ternal e matrimonial.

No Brasil, a estudos de gênero passam a ser veiculados a partir dos anos 80, consequências de um ambiente efervescente de mudanças sociais e políticas. Nesse momento, o feminismo surge com a intenção de evidenciar e combater a violência contra as mulheres por meio de diversas intervenções, como as sociais, psicológicas e jurídicas. Segundo priore (2003), no meio acadêmico, também houve um florescimento na visibilidade dada as mulheres, principalmente nos estudos antropológicos e historiográficos.

No interior dessas pesquisas, houve uma proliferação de diversas referências teóricas adotadas para apreender e definir as relações de gênero e violência contra as mulheres, assim como, para evidenciar a posição das mulheres em relação a violência, e as condições do homem como dominador.

No artigo “Participando do Debate sobre Mulher e Violência” da filósofa Marilena Chauí, a autora compreende a violência contra as mulheres como produto de uma ideologia de dominação masculina, que por sua vez, é produzida e reproduzida por homens e mulheres. Em suas palavras, as mulheres acabam se tornando “cúmplices” da violência e colaboram para a reprodução de sua “dependência” porque são “instrumentos” da dominação masculina.

Por outro lado, a socióloga Heleieth Saffioti nos apresenta um pensamento que relaciona a dominação masculina aos meios capitalistas e racistas, e o patriarcado como sistema dominador e explorador, que se fortalece cada vez mais nesse ambiente condicionando o homem a dominar a mulher. Conforme a autora, a violência sofrida pelas mulheres, é consequência da socialização machista, assim, “dada sua formação de macho, o homem julga-se no direito de espancar sua mulher, esta, educada que foi para submeter-se aos desejos masculinos, toma este “destino” como natural”. (Saffioti, 1987: 79).

Na Região Norte do Brasil, os estudos das mulheres esteve a margem da História por muito tempo, quando se fala em região amazônica nos remetermos a sua rica vegetação, sua graciosa história, seu imaginário popular, e suas crenças. No entanto, a pouca informação sobre a figura feminina se manteve atrelada por muito tempo as narrativas dos viajantes e pesquisadores eurocentristas, o olhar do outro ainda permeava os textos acerca da figura feminina.

No imaginário popular, o mito das Amazonas², se tornou referência, sendo o mais conhecido entre todos que objetivaram representar a mulher guerreira. O romancista márcio Souza, afirma que, o primeiro contato registrado e documentado com essas lendárias guerreiras aconteceu durante a expedição de o primeiro europeu a percorrer o rio Amazonas, Francisco Orellana. A expedição se deparou com um povoado habitado somente por mulheres, e, segundo relatos do frei Gaspar de as mulheres eram de “de alta estatura, pele branca, cabelos longos amarrados em tranças, robustas e nuas, vestidas apenas com uma tanga” (SOUZA, 2015: 22).

No decorrer do tempo, a imagem feminina também esteve a inspirar grandes escritores

2. O mito das Amazonas provém do Livro IV de Heródoto. Ele relata a fundação do povo Sármatas, formado por homens citas e mulheres Amazonas. As mulheres recusaram se misturar com mulheres citas por não terem os mesmos costumes. Elas caçavam, montavam a cavalo e usavam arcos, pertenciam a uma sociedade matriarcal, o que se diferenciava dos costumes dos Gregos e as fez entrar no mito.

da região. Entre esses escritores podemos citar o grande mestre Paes Loureiro, que poeticamente afirma que, “Amazônia é fêmea e contém o amor das fêmeas que celebram esse amor...” (LOUREIRO, 2015: 39). Isso nos leva a imaginar que a Amazônia seria um local de grande apreço, reconhecimento e respeito pelas mulheres. No entanto, a história nos revela que a realidade era outra. Os primeiros colonizadores não levaram em conta o encanto e beleza das mulheres amazônicas.

Segundo Baseggio e Silva (2015), as índias no período colonial eram vistas como objetos sexuais e símbolos do pecado. Na cultura indígena, os meninos eram orientados a tratar as mulheres de forma inferior, ou seja, a dominação masculina e a exclusão já estava presente na cultura nativa antes do primeiro contato com os colonizadores.

Além de terem ocupado um espaço inferior, ainda existe uma invisibilidade (ou espaço reduzido) da mulher na história regional, o que acaba se tornando um problema de grande proporção. De acordo com Pinheiro (2013) os registros das mulheres rurais, ou as que vivem nas áreas alagadiças e em meio das florestas são quase escassas, nos privando de explorar o cotidiano dessas mulheres que viveram em locais com referenciais e valores diferentes e muitas vezes em ambientes extremamente hostis.

Em sua tese intitulada “Mulheres da floresta”, a historiadora Cristina Scheibe Wolff nos concede a leitura de uma inédita pesquisa que contribuiu de forma significativa para a história das mulheres na região, principalmente, aquelas do campo, mulheres que vivem e sobrevivem em meio às violências diárias. Wolff (1999), reuniu fontes variadas como, por exemplo, processos civis e criminais (encontrados no fórum de Cruzeiro do Sul), jornais, relatórios, textos e diários de viajantes. Ao cruzar dados diversos, obteve informações acerca das idades em que os matrimônios se realizavam, seus motivos, a profissão dos envolvidos, as causas de defloramento e assassinato de mulheres, que iluminaram suas conclusões acerca das relações familiares e do cotidiano, nesse interim, também acentua a rara presença das mulheres no interior dos seringaais, o que conseqüentemente enriqueceu grandemente sua pesquisa.

Assim como a historiografia, os estudos sociais também vêm se debruçando e desenvolvendo diversas pesquisas direcionadas as questões de gênero. Os trabalhos mais recentes na Amazônia foram desenvolvidos por pesquisadoras como, a cientista social Iraildes Caldas, que seguiu e ampliou a questão de gênero em sua obra *As novas amazônidas*, onde propôs discutir os desafios e conquistas de mulheres na Amazônia por uma perspectiva de gênero. Nesse contexto, ainda podemos citar a também cientista social Heloisa Lara, que apresentou suas pesquisas em direção ao pensamento social e as relações de mulheres com a ordem social. E a Cristiane Lasmar, Antropóloga que ampliou os estudos em sua tese intitulada *De volta ao lago do leite* (2005), evidenciando o contato de populações indígenas com brancos, e como esse acontecimento influenciou as relações de gênero.

Diante do exposto, podemos afirmar que, de diferentes formas a mulher está na condição de subjugada e no cenário de exclusão no interior de muitas narrativas da Amazônia. Ainda que existam pesquisas que se alinharam a essa temática, consideramos que ainda são poucas,

e que a própria literatura poderá ampliar essa discussão, como corrobora Antônio Cândido “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (1977: 243). Nesse contexto, ponderamos que violência de gênero é um problema sociocultural, e o olhar por meio da literatura tem grande possibilidade de enriquecer o debate e a luta por igualdade e supressão de todas formas de violência.

A Filha dos rios: cenas de violência e condição da mulher na arte literária

As tramas do romance *A filha dos rios* de Ilko Minev são ambientadas na Amazônia durante a segunda metade do século XX, e apontam para contextos e lugares históricos, como os seringais e garimpos, que por sua vez, se tornaram palcos de uma ocupação geopolítica da Amazônia pelos portugueses, árabes, judeus e nordestinos, que se juntaram aos nativos para formar o novo padrão de caboclo amazônico.

Há 45 anos morando no País, o escritor Ilko Minev encantou-se com a região amazônica, lugar que escolheu morar e criar sua família. Por meio de suas andanças pela região, nasceram muitas histórias, três delas registradas em livro: *Onde Estão as Flores?* (2013) *A Filha dos Rios* (2015) e *Na sombra do Mundo Perdido* (2018).³

Nas páginas da obra *A filha dos rios* (2015) são representados o período histórico da borracha, e o ápice da mineração, momento em que mais houve imigrantes e migrantes em direção a Amazônia com o objetivo de ascensão econômica e social, assim, Minev passa a dar voz aos agentes que viveram nesses locais, tentando construir uma “fotografia” dos acontecimentos ocorridos nesses locais.

A obra *A filha dos rios* narra a história de Maria, em uma sucessão de eventos fortemente arraigados na cultura ribeirinha. O ambiente em que a narrativa se desenrola, é retratado de forma rústica e violenta em alguns momentos, principalmente com relação ao seringal, onde ocorrem os episódios mais dramáticos na vida da forte cabocla de olhos verdes.

O Romance de Ilko Minev apresenta no começo da trama, o caboclo Adriano, rapaz que seguia a vários dias pelo canal que interligava o rio Purus ao lago Igapó-Mirim. Após passar quase 12 horas sem alimentação e sem encontrar terra firme, o caboclo avistou uma casa de madeira, onde acabou encostando sua canoa. Logo apareceram algumas crianças e uma senhora com características ribeirinhas. Adriano logo manifestou seu interesse em encontrar terra firme para que ele pudesse assar um peixe e passar a noite tranquilamente.

Após se apresentar a Adriano, Dona Eulália pediu para que Adriano esperasse, já que logo sua filha e seu marido apareceriam em suas canoas. As embarcações chegaram pouco depois abarrotada de peixes e com “uma menina morena, tostada do sol, rosto iluminado por dois olhos surpreendentemente verdes” (MINEV, 2015: 33). Segundo Dona Eulália, Maria era filha

3. Informações reproduzidas do blog pessoal do escritor. In: <https://ilkominev.com/biografia/> acesso 10 de setembro de 2019.

do boto, de quem herdou os encantadores olhos verdes. De acordo com Couto de Magalhães (1940) quando interessado em buscar novas paragens e ao avistar festas em terra firme, o boto abandona o rio transformado em homem para encontrar diversão e amor com as mulheres ribeirinhas.

A lenda do Boto é uma das narrativas mais propagadas na Região Amazônica, no entanto, vem sendo utilizada para mascarar diversos tipos de abusos e estupros cometidos contra as mulheres e muitas das vezes, é uma maneira da própria mulher não revelar a identidade do abusador, seja por medo de represálias, ou até mesmo por vergonha caso o criminoso seja membro da sua própria família. De acordo com Guedes e Melo (2017), por diversas vezes a violência que foi praticada contra aquela ribeirinha, protege o pai, o avô, o padrasto, o irmão, o primo, ou qualquer familiar ou “amigo” da família.

Nesse contexto, a obra se alinha a esta problematização quando Dona Eulália, preocupada com sua filha Maria pede ao personagem Adriano que a leve em sua partida.

Maria é minha filha de antes de eu me juntar a Antônio. Agora está ficando moça e não pode mais ficar aqui. Percebo Antônio olhando para ela, espiando enquanto a menina toma banho ou troca de roupa. Sei que vai avançar a qualquer hora. Antes que aconteça uma desgraça, ela tem que ir embora! (MINEV, 2015: 15).

O trecho evidenciado pela obra, representa um fenômeno social bastante corriqueiro, a violência intrafamiliar. Esse tipo de violência, tem como principais agressores os próprios pais, tios, ou as pessoas que possam assumir a função paternal. O último aparece como um dos casos mais recorrentes, geralmente o olhar malicioso e o ato de “espiar” são os primeiros sinais de que algo está errado. Na maioria das vezes, esses casos são mais propícios onde a criança ou o jovem é negligenciado pela figura materna, no entanto, a narrativa acaba demonstrando a preocupação da personagem Eulália com a segurança de sua filha Maria.

Assim, Adriano aceita pedido de Dona Eulália e leva em sua canoa, Maria, uma menina de 16 anos [...] de pernas bem torneadas, longos cabelos negros e lisos, que traíam sua origem, mistura de índio com branco - uma autêntica cabocla de pele morena e olhos surpreendentemente verdes” (MINEV, 2015: 20). Quatro dias após a saída de igapó mirim, chegaram a região de Surara⁴, um dos mais surpreendentes e encantadores lagos da Amazônia.

Lá, Maria teve contato pela primeira vez com a “civilização”, e conheceu o flutuante de Dona Neide. Aos poucos Maria se tornou a principal atração do flutuante, onde começou a cozinhar, e mais tarde se tornou especialista em preparo de pratos regionais. A fama da cabocla bonita, de coxas firmes olhos verdes e cabaço novinho em folha atraía até pescadores que nunca antes tinham visitado aquele espaço.

Nesse trecho, se percebe o quanto uma menina nova se torna objeto de muitos homens. O “poder do macho” acaba sendo uma forma de demonstrar o quanto a personagem Maria, é apenas uma caça aos olhos dos pescadores, homens que estão condicionados a proceder de

4. “Lago da Amazônia, embora oficialmente registrado no IBGE como uma palavra oxítone (acentuando a última sílaba). A população local refere-se a ele como surára” (MINEV, 2015: 206).

forma selvagem, somente para obedecer seus instintos de dominadores, disposições que podem ser exteriorizados sobre o corpo da mulher.

Com o desdobrar da narrativa, o personagem Adriano decide aceitar uma vaga para trabalhar como caseiro no seringal Quatro Ases, lá conhece o personagem Benjamin Melul. Em companhia da esposa Nina e Benjamin, Adriano e Maria retornam ao abandonado seringal Quatro Ases na fronteira do Brasil com a Bolívia. Após cinco anos de trabalho árduo naquele “fim de mundo”, um surto de febre amarela mata quase todos os integrantes, apenas Maria, a cabocla de olhos verdes sobrevive.

Apesar de todas as dificuldades, a bela Maria sempre se manteve firme e forte, tentou de todas as formas proteger suas crianças de diversos perigos que assolavam aquele lugar, inclusive se deixar tocar por dois estranhos bêbados que a violentaram em troca de seguranças de suas crias. Como é detalhado no seguinte trecho do romance a cena em que ocorre o estupro da personagem chamada Maria:

Primeiro veio o mais jovem, que arrancou suas roupas e a estirou no chão, enquanto o mais velho segurava a porta aberta para que entrasse alguma luz e pudesse assistir ao espetáculo. Entorpecida, Maria só percebeu um cheiro forte de suor e álcool e uma mão grossa e trêmula apalpar seu corpo. Não resistiu nem um pouco, tinha pressa em terminar aquilo e, ignorando a dor, nem sentiu o homem penetra-la. Ele ainda tentou beijá-la, mas ela virou a face-não, isso não, era nojento demais. Para a sorte de Maria, o homem estava ansioso e não demorou (MINEV, 2015: 65).

A mulher ainda teve que aguentar ser violentada pelo segundo homem

Depois veio o mais velho, babando de vontade. Querendo sugar seus seios, ainda a machucou com os poucos dentes que tinha, mas ela ignorou a dor física. Tentava relevar a dor física e a repulsa. Bêbado, ele nem a possuiu de verdade e rapidamente se satisfaz. O pesadelo todo demorou poucos minutos, mas na cabeça de Maria pareceu uma tortura sem fim, um sofrimento lento, profundo uma raiva que parecia não ir embora (MINEV, 2015: 65-66).

O ato de estuprar, é um problema social que vem sendo descortinado na história da humanidade por muitos séculos. Há diversos estudos e falácias sobre as possíveis “motivações”. Uma das motivações mais populares advém da personificação cultural da mulher como posse, e o homem como “posseiro”. Chauí (1985: 36) coopera com a reflexão, afirmando que, “[...] a ação violenta trata o ser dominado como “objeto” e não como “sujeito”. Outra análise adverte que o problema se oriunda do machismo, onde o ser “macho”, do ponto de vista sexual, pode se deixar ser levado por suas fraquezas, sendo assim, no ápice de sua macheza, não admite que a mulher, considerada como objeto possa dizer não

Com o decorrer da narrativa, é revelado as tragédias envolvendo as personagens, mas, dessa vez, a trama se movimenta até um garimpo do rio madeira. Nascimento (2009) afirma que, a partir de 1980, as notícias de ouro no Rio Madeira, atraíram uma grande quantidade de garimpeiros que vinham para a região com o intuito de enriquecer repentinamente. Nesse ambiente, encena-se mais uma personagem, a resoluta e proprietária do Bordel Casa de Lola. Dona

Sandra, é descrita como “uma mulher já de idade e muito bem vestida para o local, chamava atenção com seus cabelos ruivos cor de fogo, que contrastavam com os olhos azuis” (MINEV, 2015: 81). Segundo Leite e Santos (2018) Nesses locais existiam bordéis, onde as mulheres poderiam ser determinadas e subjugadas apenas pela sua condição sexual. Eram mulheres não dignas de estarem no garimpo, por serem promíscuas e viverem à custa do uso sexual do seu corpo.

A partir desse trecho, o romance passa a desenvolver-se em torno de Sandra. A personagem se apresenta de maneira mais abrangente após a curiosidade de Oleg ao perguntar como Dona Sandra, uma mulher tão afeiçãoada poderia ter parado naquele local tão hostil. Nas palavras de Amorim foram demonstradas o quão surpreendente e triste foi a vida da personagem.

Ela tinha sido uma mulher muito linda e bem casada que ficou viúva cedo e herdou muito dinheiro e joias do falecido. Solitária e carente, teve o azar de se apaixonar por um vigarista de categoria, que não só se aproveitou dela como saqueou a maior parte de seu dinheiro. Quando a grana acabou ele a espancou repetidas vezes, procurando as joias que Sandra tinha escondido e ele sabia que existiram (MINEV, 2015: 86-87).

Nesse contexto, verificamos dois casos de violência contra a personagem. O primeiro episódio se evidencia como violência patrimonial. Conforme a Lei 11.340/2006, a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo também os destinados a satisfazer as próprias necessidades. Normalmente esse tipo de violência não vem à tona, muitas vezes, é aceita pelas vítimas, seja pela falta de conhecimento, medo e até mesmo submissão ao agressor. Essa submissão pode se tornar um fio condutor para outras categorias de violência, como é o caso da violência física. Segundo Cavalcanti (2006) violência física: consiste em atos de acometimento físico sobre o corpo da mulher, e foi demonstrada na própria obra.

Numa dessas surras, já morando em porto velho, ela perdeu os sentidos, caiu de mau jeito e se machucou de tal maneira que nunca mais voltou a andar. O desgraçado ainda espancou Mariana, que ainda era um bebe, e depois fugiu. [...] ela sofreu muito, ficou paraplégica e, mesmo sendo dona de bordel, continua sendo uma pessoa boa, correta, e generosa (MINEV, 2015: 87).

No trecho apresentado, observamos que por não conseguir a posse das joias, o marido de Sandra passa a espancá-la diversas vezes. Nesse contexto, a utilização da violência também gera prejuízos no desenvolvimento físico, cognitivo, social, moral, emocional e afetivo. As manifestações físicas da violência podem ser severas e deixar sequelas para toda a vida. Como é o caso da violência sofrida pela personagem Sandra. Os episódios vivenciados pela personagem Sandra, se assemelham bastante a história de Maria da penha, mulher vítima de abusos e agressões que acabou se agravando deixando-a paraplégica e posteriormente homenageada com seu nome (OLIVEIRA, 2015).

Além da personagem Sandra, a filha chamada Mariana, se tornou vítima de violência física. Apesar de ainda ser uma criança, foi envolvida em momentos conflito de sua mãe e seu

padrasto. Esse tipo de experiência, pode acarretar diversas consequências, e também pode direcionar os filhos aos mesmos riscos. Segundo Casique e Furegato (2006), as crianças podem ficar expostas e sofrer com diversos distúrbios psicológicos e atrasos no desenvolvimento cognitivo.

Com o decorrer da narrativa é maior o sofrimento de Sandra. Em uma conversa com o personagem Oleg, descreveu minimamente os episódios mais tortuosos de sua vida, começando pelo seu casamento feliz com, seu ex marido Ricardo, até o momento em que conheceu o homem que a condenou a vive-la pelos restos de seus dias em uma cadeira de rodas. Sandra suspirou e sistematizou sua triste história em palavras e lágrimas. “Não demorei a descobrir que aquele homem não era um príncipe, estava mais para um sapo da pior espécie, bebia muito” (MINEV, 2015: 115).

Um dos fatores que mais cooperam para as agressões sofridas pelas mulheres é o consumo de álcool e drogas por parte dos seus companheiros. Ao fazer utilização desses entorpecentes, o agressor se torna ainda mais violento. Conforme Gregori (1993), muitas mulheres não conseguem identificar que o álcool pode ser um importante engajador da violência masculina, e que pode estimular o comportamento agressivo dos homens, embora não seja possível assegurar que seja condição determinante.

A personagem prossegue desabafando, “totalmente descontrolado, maltratava a minha filha e me espancava. Isso começou a acontecer com alguma regularidade, e eu, totalmente passiva, me sentia imóvel e sem força ou fibra para reagir (MINEV, 2015: 115). Nesse trecho, observamos que a dominação acaba desencadeando um estado de pânico e medo na vítima, que sem perceber a gravidade, acaba entrando em ciclos viciosos e obscuros. Chauí (1985) também coopera afirmando que, o dominado também perde sua autonomia e liberdade, o que segundo a filósofa, significa também se privar da capacidade de pensar, agir e viver sua própria vida.

Sandra continua com sua triste história. [...] o sapo bateu tanto na princesa que um dia ela desmaiou e, quando acordou, tinha perdido irreversivelmente a maior parte dos movimentos” (MINEV, 2015: 115). Nesse contexto, assim como a personagem, as mulheres vítimas de violência acabam tendo como consequência a saúde física destruída, causadas por extensas lesões oriundas de espancamentos. Apesar de tudo isso, Sandra sobreviveu e recomeçou sua vida mesmo sem os movimentos das pernas, resistiu e lutou bravemente apesar de todo sofrimento que vivenciou.

Com o desdobrar da narrativa, o autor decidiu abordar também a história de vida da progenitora de Sandra, Dona Ricfa. Nesse contexto, descreveu a vida tortuosa da mãe, começando pela vida difícil numa pequena aldeia na fronteira com a Rússia, lugar pobre, hostil, e passivo de muita violência e estupros. Até que um dia, comerciantes daquele local começaram a comentar que havia dois rapazes judeus, que comercializavam na Argentina estavam à procura de mulheres para se casar, no entanto, as intenções eram outras.

Ricfa casou-se com um deles, casamento rápido sem a presença cultural do Rabino. Assim, os dois rapazes saíram em direção ao porto de Marselha.

Zwi Migdal!, exclamou Licco, horrorizado - Já li e escutei muitas coisas sobre essa máfia vergo-

nhosa. Eram mafiosos judeus, que atraíam centenas de jovens judias com a promessas de casamento ou então de trabalho bem remunerado nas américas [...] analfabetas, sem dinheiro, sem falar a língua, sem amigos nem esperança, eram obrigadas a se prostituir ainda no navio. Ainda virgens, muitas delas eram estupradas e espancadas – verdadeiras escravas (MINEV, 2015: 143).

Steinberg (2016) nos apresenta alguns dados sobre esse grave acontecimento, e nos revela um livro do inspetor Julio Alsogaray (1933), nele estão descritos que algumas centenas de judias se prostituíam e considerou que havia em torno de 200 casas que “empregavam” essas mulheres em Buenos Aires, onde estava localizado o maior centro de prostituição até 1930, lá estabeleceu-se, em 1906, a organização Zwi Migdal. Desde a sua criação, essa entidade foi tida como uma organização criminosa, que aliciava e traficava mulheres, ludibriando-as desde sua partida da Europa até a chegada à América.

A personagem Ricfa é apenas um exemplo de como a Máfia Zwi Migdal se movimentava para enganar mulheres, considerando que nas aldeias não ofereciam educação as mulheres, somente aos homens, a taxa de analfabetismo entre mulheres era alta. Assim, sem perspectiva de vida, essas mulheres se tornavam presas fáceis nas mãos de contrabandistas e traficantes⁵. De acordo com Rago (2008) de Buenos Aires, essas mulheres também chegaram ao Brasil, e suas filiais, coordenavam suas escravas sexuais em seus escritórios, e adquiriram sinagogas e cemitérios para a utilização de seus membros.

Diante do exposto, o autor de *A filha dos rios* buscou evidenciar suas personagens de acordo com o seu tempo, e também de acordo com seu ambiente histórico e social. O mais relevante, no entanto, foi viabilizar episódios em que a mulher foi subjugada, violentada, e oprimida, mas que ao longo da trama, se tornaram mulheres fortes e resistentes em meio as ocorrências de violência. Assim, as personagens Maria e Sandra, se tornaram a personificação de figuras reais que passam, ou que passaram pela mesma adversidade. Mulheres que são violentadas, espancadas, enganadas, e que são vítimas de problema social que vem ocorrendo desde os tempos mais remotos.

Considerações finais

A incorporação da arte literária como fonte histórica, possibilitou aos historiadores uma gama de possibilidades não encontradas através de fontes tradicionais, tendo em vista que, por meio desses escritos o pesquisador obtém vestígios indispensáveis para construção do conhecimento. De outro modo, a inserção da arte literária vinculados aos estudos de gênero também acrescentados na historiografia moderna, nos possibilitou alavancar diversas pesquisas sobre o feminino, que por muito tempo esteve a margem da história. Desta forma, com o estudo da obra *A filha dos rios*, procurei investigar os possíveis episódios de violência contra a mulher vivenciadas pelas personagens femininas em ambientes passivos a opressão.

5. Ver BANDEIRA, Michelle de Almeida Vilela Dantas. O Brasil na rota internacional do tráfico de mulheres: entre o início do Século XX e a contemporaneidade. 2014. XII, 137 f., il. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) —Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

Ao investigar, e interpretar os episódios de violência sofridas pelas personagens, notamos que as mulheres acabam se tornando passíveis a diversos tipos de violência, também percebe-se mais notoriamente o poder que é exercido sobre elas através dos homens que habitam ou estão inseridos no seu convívio social. O poder do homem nesses episódios, é demonstrado de forma ostensiva na obra, movimentando o feminino para o local de inferioridade e repressão, no entanto, observa-se a resistência das personagens, a luta pela sobrevivência após vivenciar tantos episódios desastrosos de violência.

Portanto, observar esses episódios através de lentes literárias, possibilita o estudo de relações e violência de gênero na Amazônia, que por muito tempo ficou invisível nas pesquisas sociais e acadêmicas, assim como também demonstra as formas de dominação e violência, a qual a mulher vem sendo submetida por muitos séculos e em diversas localizações.

Referências

Fontes

MINEV, Ilko. *A filha dos rios*. Editora virgiliae. 2015.

Bibliografia

BASEGGIO, Julia knapp. SILVA, Lisa Fernanda Meyer da. *As condições femininas no brasil colonial*. Revista Maiêutica, Indaial, v. 3, n. 1, p. 19-30, 2015.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e história literária*. RJ: Editora Ouro sobre o Azul, 9ª Edição, Rio de Janeiro, 2006.

CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CASIQUE, Leticia. FUREGATO, Antônia. *Violência contra mulheres: reflexões teóricas*. Rev Latino-am Enfermagem 2006 novembro-dezembro; 14(6). 2006.

CAVALCANTI, Stela Valéria Soares de Farias. *Violência Doméstica: análise da Lei Maria da Penha*. 2006.

CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. P, 25-27.

CHAUÍ, Marilena. "Participando do Debate sobre Mulher e Violência". In: Franchetto, Bruna, Cavalcanti, Maria Laura V. C. e Heilborn, Maria Luiza (org.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher* 4, São Paulo, Zahar Editores, 1985

COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *O selvagem*. 4. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1940

FILHO, Marcondes. *Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira*: São Paulo Perspec. Vol.15 no.2 São Paulo Apr./June 2001.

GIDDENS, Anthony *Sociology*. Cambridge: Policy Press. (1997).

GREGORI, M. F. (1993). *Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. São Paulo: Paz e terra.

GUEDES, Nubia; MELO, Elinay. *Não foi o boto sinhá: a violência contra a mulher*. Instituto Gele-

